

**XIII Congresso Brasileiro de História Econômica e  
14ª Conferência Internacional de História de Empresas**

**Criciúma, 24, 25 e 26 de setembro de 2019**



**FRÉDÉRIC MAURO E A ESCOLA DOS ANNALES. DA HISTÓRIA ECONÔMICA À  
“CIÊNCIA ECONÔMICA DO PASSADO”**

**Roberto Pereira Silva**

## FRÉDÉRIC MAURO E A ESCOLA DOS ANNALES. DA HISTÓRIA ECONÔMICA À “CIÊNCIA ECONÔMICA DO PASSADO”

Roberto Pereira Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Frédéric Mauro, historiador econômico francês, ocupa um papel central no desenvolvimento dos estudos sobre o mundo luso-brasileiro e latino-americano na França. Além disso, é considerado um seguidor e difusor da escola dos *Annales* nos países lusófonos. O artigo examina a relação entre Frédéric Mauro e a escola francesa da historiografia. Analisamos a recepção da primeira edição de sua tese de doutorado, *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIIème siècle: étude économique* publicada em 1960, como forma de acessar os laços que o ligam a seu contexto intelectual. Em seguida, discutimos sua concepção de história econômica, e o diálogo que propôs entre a História e as ciências sociais. Estes elementos nos permitirão captar sua relação com os historiadores dos *Annales* e, sobretudo, com Fernand Braudel.

Palavras-chave: Frédéric Mauro; Fernand Braudel; História Econômica; Escola dos Annales; História Intelectual.

### ABSTRACT

Frédéric Mauro, French economic historian, plays a central role in the development of studies on the Luso-Brazilian world in France. In addition, he is considered a follower and broadcaster of the *Annales* school in Portuguese-speaking countries. The article analyzes the relationship between Frédéric Mauro and the French school of historiography. We analyse the reception of the first edition of his doctoral thesis, *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIIème siècle: étude économique*, published in 1960. In doing so, we reveal his links with its intellectual context. Next, we discuss his conception of economic history, and the dialogue he proposed between history and the social sciences. These elements allowed us to capture its relation with the historians of the *Annales* and, especially, with Fernand Braudel.

Key-words: Frédéric Mauro, Fernand Braudel, Economic History; Annales School; Intellectual history.

---

<sup>1</sup> Professor adjunto do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas.

## **Introdução.**

Frédéric Mauro pode ser considerado um dos mais importantes historiadores franceses que se dedicaram aos estudos sobre o Brasil e a América Latina. Aluno de Fernand Braudel e de Ernest Labrousse, sua obra, fortemente marcada pela história econômica e social dessa segunda geração da Escola dos *Annales*, ajudou a fortalecer diversas formas de abordagem histórica sobre o continente latino-americano.

Uma de suas obras mais importantes, tem como origem sua tese de doutorado *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIIème: étude économique*, defendida em 1956 sob a orientação de Fernand Braudel e publicada em 1960 na prestigiosa coleção “Ports, routes, trafics” da editora da École Pratique des Hautes Études.<sup>2</sup> Trata-se de um estudo, dividido em três partes. A primeira, aborda a navegação portuguesa no Atlântico: as rotas, as técnicas de navegação, a duração das viagens, os tipos de embarcação procurando delinear as condições materiais e geográficas para o comércio que Portugal estabelece com sua colônia americana. A segunda parte, verdadeiro estudo econômico pioneiro sobre o comércio português no Atlântico, aborda em diferentes capítulos os principais produtos que deram corpo a este comércio: madeiras, escravos, açúcar, os produtos do mar, trigo e outros produtos como vinho, sal e azeite. Estes capítulos compõem a maior parte da obra, onde são analisados para cada mercadoria, suas condições de produção, seu transporte, seus comerciantes, e as transações monetárias envolvidas em cada um desses gêneros. Cabe um destaque especial ao açúcar brasileiro, único produto abordado em dois capítulos, não somente pela análise da contabilidade do engenho que elabora, mas também pela importância deste produto para a economia portuguesa. A última parte, por sua vez, enquadra essas atividades no movimento de conjunto do Império: moeda e sistema monetário, as conjunturas políticas, os tratados comerciais e as formas de monopólio examinados na tentativa de captar a evolução geral desse “sistema de capitalismo comercial da Idade Moderna” no século XVII.

Os interesses de Frédéric Mauro, contudo, não ficarão restritos à história econômica de Portugal e suas possessões no Atlântico. Em inícios da década de 1960, já

---

<sup>2</sup> Em uma segunda edição, revista, publicada pela Fundação Calouse Gunbenkian em 1983, Frédéric Mauro muda o título para *Le Portugal, le Brésil et l'Atlantique au XVIIe Siècle: 1570-1670. Étude Économique*.

professor de História Moderna na Universidade de Toulouse, embarca para o México, a convite da UNESCO para criar um curso sobre história econômica da América Latina na Universidade de Nuevo León. À partir dessa experiência, seu interesse se estende também à América Espanhola, e datam deste período seus primeiros artigos sobre o México. Também sob o ponto de vista metodológico, essa abertura para a América Latina é acompanhada de um interesse pelas teorias do desenvolvimento econômico e, também pela história quantitativa. Sobre esta última, organizará em 1971, o importante colóquio, financiado pelo CNRS, *L’histoire quantitative du Brésil de 1800 à 1930*. Nos anos oitenta, Frédéric irá se dedicar ao estudo das experiências de industrialização no século XIX, às quais dará o nome de pré-industrialização.

Durante todo este período, Frédéric Mauro publicará diversos livros e artigos sobre temas ligados à Portugal, ao Brasil e à América Latina e terá um papel importante como professor visitante em instituições no continente. Em sua primeira visita ao Brasil, em 1953, ele ministrará cursos na Universidade de São Paulo, retornando ao país em diversas circunstâncias, como congressos, seminários, cursos de graduação e de pós-graduação.

Além disso, terá um papel importante na organização de Associações para o estudo da América Latina e do Brasil tendo participado, inclusive de encontros da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE) em 2003 e 2006.

Essa extensa trajetória intelectual e institucional merece ser objeto de estudos mais aprofundados. A presente pesquisa dedica-se ao exame mais detido da relação de Frédéric Mauro com a escola dos *Annales*, tendo como núcleo central a publicação de sua tese de doutorado, *Le Portugal et l’Atlantique au XVIIIème siècle: étude économique*. Para tanto, iremos, em um primeiro momento, abordar os estudos existentes sobre Frédéric Mauro, na medida em que nos auxiliam a compreender sua relação com esta escola.

Em seguida, investigamos a recepção da tese de doutorado de Frédéric Mauro por Fernand Braudel e outros historiadores franceses e no estrangeiro. Para tanto, utilizaremos como fontes documentais o relatório de defesa da tese, encontrado nos *Archives Nationales* em Paris, bem como uma série de resenhas sobre sua tese. Esse material nos permitirá um delineamento mais preciso das relações de Frédéric Mauro com

os historiadores dos *Annales*, e um dimensionamento do impacto de sua obra fora do Hexágono.

Uma terceira seção aborda a concepção de história econômica de Frédéric Mauro, e sua modificação ao longo do tempo. Seleccionamos este ponto como núcleo central da análise, por permitir comparar qual diálogo Frédéric Mauro estabelece entre a História de um lado e a Economia, de outro, esta última entendida, evidentemente, como uma ciência social. Ou seja, partindo de sua concepção de história econômica, identificamos sua relação com a escola dos *Annales*. O artigo se encerra com algumas considerações finais.

### **Frédéric Mauro, historiador do mundo luso-brasileiro e latino-americano**

Em que pese a importância de Frédéric Mauro para a historiografia econômica brasileira, seu papel fundamental na criação de instituições de pesquisa e de cooperação internacional, seu esforço de formação e difusão de acervos de bibliográfico e documentais sobre a América Latina e a ampla rede internacional de pesquisadores que interligou na Europa e na América, sua produção e atuação ainda tem despertado pouca atenção no universo intelectual francês e brasileiro. De fato, conseguimos encontrar um volume relativamente pequeno de trabalhos sobre sua obra, a maioria dos quais lança um olhar mais panorâmico sobre sua importância para o Brasil e a América Latina.

O primeiro trabalho a discutir sua obra é a tese de doutorado de Guy Martinière, intitulada *Contribution à l'étude de l'économie rétrospective du Brésil : essai d'historiographie*, apresentada em 1973 e escrita sobre a direção do próprio Frédéric Mauro.

Guy Martinière destaca justamente o papel de Frédéric Mauro e de Vitorino Magalhães Godinho como dois historiadores dos *Annales* que trouxeram inovações à historiografia econômica sobre o Brasil. Eles seriam responsáveis por “iluminar a parcela portuguesa nos problemas mundiais”, ambos sob a influência de Fernand Braudel (MARTINIÈRE, 1973, fl. 71).<sup>3</sup> Para ele, os dois historiadores lançaram uma nova problemática sobre os estudos de História Moderna, a partir do contato da História e da Geografia, sob a inspiração da geo-história braudeliana.

---

<sup>3</sup> Todos os textos citados neste artigo, salvo indicação contrária, foram traduzidos pelo autor.

Isso é perceptível no debate sobre a existência do Feudalismo em Portugal e no Brasil. Para ambos os autores, o Estado português nasce da junção de uma aristocracia agrária e dos comerciantes urbanos, que se unem pela expansão ultramarina. Este Império, cada vez mais mercantil, será para Frédéric Mauro um exemplo de capitalismo comercial. Sua intervenção no debate, contrariando as teses de que Portugal e o Brasil possuíram instituições feudais é importante justamente por destacar a importância das instituições comerciais, das características mercantis do império português, aproximando-se dos trabalhos de Antonio Sergio, Jaime Cortesão, Caio Prado Júnior e Celso Furtado.

Outro discípulo de Frédéric Mauro, Paul Vayssièr também examina a obra do historiador no necrológio publicado em 2002 na revista *Caravelle*.

Frédéric Mauro é apresentado como um “historiador do mundo ibérico” (VAYSSIÈRE, 2002, p. 294), e destaca a importância sua obra e grande influência que exerceu sobre as novas gerações de pesquisadores que se dedicam à América Latina.

O autor aborda, sobretudo, os escritos metodológicos e sua concepção de história. Para ele, “Frédéric Mauro se apresentou como um ardente defensor do que podemos chamar de história dos *Annales*” (idem, p. 295). Ele lutou pela necessidade de um diálogo entre a história e as ciências sociais. Entre suas ideias mais importantes, está a afirmação da inseparável relação entre passado e presente, aspecto central para os *Annales*, que desde os escritos de Marc Bloch e Lucien Febvre, ainda em finais dos anos 20, já enfatizavam que o historiador, ao estudar o passado, deve responder também aos problemas do presente. Questões contemporâneas, diga-se de passagem, por vezes formuladas pelos historiadores mas, também, pelas ciências sociais.

Desta necessidade de diálogo, segundo Vayssièr, surgirá uma concepção de história científica, distante das narrativas e da ficção, e cuja cientificidade provém das ciências sociais. Para Mauro, a história tende a se tornar uma “ciência do abstrato”, uma “ciência social do passado”, elaborada a partir das problemáticas do presente, que devem, no entanto, ser adaptadas ao passado. (idem, p. 296).<sup>4</sup> Este propósito de junção da história com as ciências sociais aparece de forma mais intensa na história econômica. Esta nada

---

<sup>4</sup> Em outro artigo, Vayssièr (2013) enfatiza a importância estratégica da defesa da escola dos *Annales* e da escrita de uma história preocupada com os problemas do presente como forma de afirmação desta disciplina dentro do ambiente fortemente marcado pelos estudos literários e um gênero mais tradicional e erudito de história que predominava na Universidade de Toulouse entre as décadas de 1950 e 1960, que de certa maneira sufocava abordagens mais sociais e econômicas, como as que interessavam Frédéric Mauro.

mais é que uma ciência econômica do passado. Em sua concepção, é essencial fazer uma história econômica que seja útil aos economistas. Para Mauro, a aproximação com as ciências sociais, e com a economia em especial, é a condição para a cientificidade da história, para o seu lugar entre as ciências. Esta posição será reforçada, nos anos de 1970, pelo engajamento cada vez maior de Frédéric Mauro na história quantitativa.

Assim, embora Paul Vayssière destaque o papel de difusor e de continuador da escola dos *Annales*, sobretudo ao destacar a defesa intransigente da relação entre passado e presente e o diálogo com as ciências sociais, nos parece que o autor deixou de estender seu raciocínio para a comparação entre o diálogo da história com as disciplinas do mundo social proposto por Frédéric Mauro com as soluções dadas por outros membros da revista, sobretudo, Fernand Braudel.

Laurent Vidal, por sua vez, não considera Mauro um historiador da América Latina, mas o “primeiro historiador francês do Brasil” (VIDAL, 2013, p. 319). Ele reconstitui a trajetória de Frédéric Mauro sublinhando as circunstâncias que moldaram seu interesse pelo país. Entre estas, o convívio e a influência de Fernand Braudel, cuja experiência de ensino e de residência no Brasil marcaram profundamente sua obra. A influência do mestre da segunda geração dos *Annales* é determinante em sua formação, na escolha do tema, e na abordagem ligada à história econômica e social. Segundo Vidal, “o Brasil é, então, para o estudante, uma metáfora do programa historiográfico dos *Annales* que tanto o seduz” (idem, p. 320).

O interesse sobre o Brasil se dará em concomitância com seu mergulho na história econômica ou melhor, na história quantitativa. Laurent Vidal menciona, para além do debate sobre o feudalismo no Brasil, a crítica à noção de ciclo econômico, tal como encontrada em autores como Roberto Simonsen. Além disso, traça o encaminhamento de Frédéric Mauro para privilegiar cada vez mais a teoria econômica em suas análises. Segundo Mauro, a história quantitativa deve ser uma “verdadeira contabilidade nacional do passado” (Idem, p. 322). Este seu interesse por uma história centrada em amplas bases de dados, nos permite captar, uma vez mais, o diálogo que pretende estabelecer entre a história e as ciências sociais.

Etapa importante dessa virada para a história quantitativa e do interesse de Frédéric Mauro de aplicá-la ao caso brasileiro foi sua atuação na década de 1970, com a implantação do ao programa de pós-graduação em história da Universidade Federal do

Paraná. Trabalhos importantes neste sentido, de Antiva Pilatti Balhana (1995) e Cecília Maria Westphalen (1995) chamam atenção para o papel de Frédéric Mauro na divulgação da mensagem da escola dos *Annales* no Brasil. Para Balhana, (1995) Mauro e outros pesquisadores franceses contribuíram ativamente na formação dos estudos sobre a história demográfica do Estado do Paraná. Para ela, “a história demográfica constitui a mais preciosa de todas as extensões da história serial, da qual Frédéric Mauro foi dos primeiros arautos no Brasil e, científica e didaticamente falando, o seu sistematizador” (BALHANA, 1995, p. 48). Para Cecília Westphalen, a influência dos *Annales* no Brasil se deve à “influência diretamente exercida pela historiografia francesa a partir dos anos 50 pela ação docente e pela divulgação de teses acadêmicas de Fernand Braudel, Frédéric Mauro, Pierre Chaunu, e outros” (WESTPHALEN, 1995, p. 55).

Assim, de um ponto de vista mais geral, há um enorme consenso a respeito da estreita relação de Frédéric Mauro com a Escola des *Annales*, em especial com a figura de Fernand Braudel. Outro ponto inquestionável é a importância do historiador francês para a formação do campo do latino-americanismo, como menciona Paul Vayssière, ou do brasilianismo, como insistem Laurent Vidal, Anita Balhana e Cecília Westphalen. Contudo, outro elemento que precisa ser destacado é justamente o fato de que todos os trabalhos examinados até o momento, foram escritos por ex-alunos ou ex-orientandos de Frédéric Mauro, o que lhes permite trazer o elemento fluido que nosso trabalho não poderá jamais captar, a transmissão oral dessa tradição historiográfica, certamente levada a cabo nas aulas, nos cursos, em indicações de leitura e conversas.

Dito isto, ainda nos parece necessário aprofundar a análise a respeito da relação entre Frédéric Mauro e a escola dos *Annales* e, em particular, a relação entre ele e Fernand Braudel, buscando indicar em quais aspectos sua obra se aproxima da corrente historiográfica francesa.

A questão que surge, contudo é: por que se preocupar com um ponto sobre o qual os autores examinados estão largamente de acordo? Primeiramente, pois nem Braudel, nem Labrousse, nem qualquer outro representante da escola dos *Annales* escreveu uma apresentação, um prefácio, ou uma resenha sobre o trabalho de Frédéric Mauro, quando este foi publicado em 1960 na coleção “Ports, routes, trafics”, dirigida por Braudel e que era, então, a vitrine de seu novo projeto de pesquisa na VIª Seção da École Pratique des Hautes Études. Não foi este o caso para os livros de Pierre Chaunu, de Carlo Cipolla, de



Ruggiero Romano e de outros volumes que apareceram na mesma coleção. Além disso, uma comparação entre a tese de Frédéric Mauro e o trabalho de Braudel, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*, mostra que na primeira não há história política, história dos acontecimentos; não há uma ligação entre a longa duração, o tempo conjuntural e os eventos, o que dá a tessitura mesma do tempo histórico e da incorporação da geografia na obra de Fernand Braudel. A tese de Mauro, ao contrário, é uma tese sobre a conjuntura, mas sem a carnadura de uma história social ou de uma geografia histórica.

Além disso, em importantes trabalhos sobre a Escola dos *Annales*, como aqueles de Peter Burke (1992), François Dosse (2003), Herve Couteau-Bégarie (1989), André Burguière (2006), não há menção significativa à Frédéric Mauro.

Como explicar esse silêncio?

### **Uma tese e seus leitores: a recepção de *Portugal et l’Atlantique au XVIIe siècle. Étude économique*.**

É com o objetivo de responder a esta questão que iremos abordar, na sequência, a recepção da tese de Frédéric Mauro no meio intelectual francês e no estrangeiro. Esse procedimento nos pareceu indicado para melhor compreender quais questões preocupavam os historiadores e economistas franceses no início da década de 1960, e como outros meios intelectuais receberam o mesmo trabalho. Examinamos, também, o único documento onde encontramos comentários, ainda que sumários, de Fernand Braudel e de Ernest Labrousse sobre *Le Portugal et l’Atlantique*. Trata-se da ata da defesa da tese, disponível nos *Archives Nationales*, em Paris. Redigida por Ernest Labrousse, que foi o presidente do júri de defesa, assim ele transcreveu as considerações de Fernand Braudel:

Sr. Braudel destaca, por sua vez, os méritos de uma pesquisa não só vasta, quanto nova. Mas a bibliografia às vezes cita fontes que não foram utilizadas. O que não a impede, aliás, de ser, aqui e ali, incompleta. O esforço de geografia histórica conduz a resultados muito irrealistas. Seria preciso situar mais firmemente a obra no século XVII e, no que se refere a esta preocupação central, retrair a gênese do mundo português. Alguns mapas são “cegos”, sem costas: um mapa deve bastar a si mesmo. Sob o ponto de vista da história social, um esboço de história das cidades, sobretudo de Lisboa, falta a este trabalho monumental (Rectorat de Paris, fl. 3).

Para Braudel, portanto, os problemas são, a um só tempo, pontuais e estruturais. Se ele critica os resultados “irreais” da geografia histórica, é porque esta está longe da organicidade que encontramos em *O Mediterrâneo*. O mesmo é válido para os mapas “cegos”. Mas, do ponto de vista mais amplo, Braudel critica o que é diverso de seu próprio trabalho. Seria preciso “situar a obra no século XVII”, ou seja, mostrar como as curvas econômicas estão ligadas à história política, social e cultural de Portugal e da Europa. Além disso, é preciso “retraçar a gênese do mundo português” e finalmente inserir uma história das cidades. A crítica, portanto, é dirigida ao que faltava na tese de Frédéric Mauro em relação ao seu próprio projeto de pesquisa. Se nos mantemos fiéis à descrição da ata, é possível concluir que a discussão entre mestre e discípulo não tocou em questões metodológicas. Contudo, podemos inferir que se as críticas apontaram certa ausência de história social, não nos parece exagerado dizer que isso seja um resultado decorrente de um trabalho excessivamente econômico.

Ernest Labrousse também reconhece o grande esforço de pesquisa de Frédéric Mauro, mas limita seus comentários sobre tese particularmente à história econômica. Sua principal crítica é dirigida ao aspecto principal e mais original do trabalho: a análise da economia açucareira. Segundo Labrousse, Mauro “insiste talvez exageradamente sobre a economia açucareira” (Rectorat de Paris, fl. 3). É preciso ser cauteloso quanto a isto, pois “o poder do grande comércio de luxo frequentemente engana a História”. Ora,

ao lado do açúcar, há o sal, o trigo, o vinho, todos os velhos produtos de base da economia portuguesa. Nada, no trabalho de Mauro, nos informa suficientemente sobre seus valores respectivos. Parece, finalmente, questionável que a prosperidade do setor açucareiro tenha salvado da depressão todo o resto da economia. O autor mesmo conclui que somente uma zona social bem estreita absorve o lucro do açúcar. Além disso, os aspectos sociais do tema foram apenas sugeridos.

Segundo Ernest Labrousse, os artigos de abastecimento são mais importantes que aqueles do comércio de luxo e talvez um produto colonial não seja capaz de sustentar uma economia metropolitana.<sup>5</sup> Finalmente, também critica a conclusão de Frédéric Mauro, segundo a qual o açúcar brasileiro teria sido capaz de sustentar a prosperidade da

---

<sup>5</sup> Lembremos que o autor dedicou um extenso estudo ao preço do trigo no século XVIII francês e, portanto, é compreensível que veja na economia portuguesa do Seiscentos a mesma estrutura que a França apresentaria um século mais tarde.

economia portuguesa no início do século XVII, a despeito da crise que tomava conta do conjunto da economia europeia.

Os problemas metodológicos criticados por Ernest Labrousse estão ligados à interpretação dos dados e, também, à maneira pela qual Mauro relacionou a economia portuguesa e a europeia. Podemos dizer, portanto, que embora reconheça méritos da pesquisa, ele reprovava a interpretação econômica avançada por Frédéric Mauro.

Retenhamos, no entanto, destes comentários, as sugestões de Fernand Braudel para ampliar a história social no trabalho, e a crítica acerba de Labrousse sobre a interpretação econômica como um todo. Essas observações, nos parece, indicam certo distanciamento dos dois historiadores frente às conclusões do trabalho de Frédéric Mauro.

Passemos agora para a recepção da publicação da tese de doutorado, após sua publicação em 1960, no ambiente intelectual francês, e no exterior. Encontramos nove resenhas e, entre elas, quatro de autores franceses, e cinco de autores estrangeiros. Ao invés de uma análise cronológica, preferimos abordá-las a partir da divisão entre países, para captar melhor as questões peculiares ao ambiente intelectual francês.

Vejamos, primeiramente, a resenha publicada em 1962 na *Revue Historique* por Albert Silbert, outro orientando de Fernand Braudel cuja tese, *Le Portugal Méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime: XVIIIe – début du XIXe Siècle. Contribution à l'histoire agraire comparée*, foi publicada em 1966.

Logo no início, estabelece uma ligação entre a tese de Mauro e a de Braudel. Em suas palavras: “um belo tema, incontestavelmente. Nós reconhecemos a marca deste cujo nome é invocado desde as primeiras linhas do prefácio, o autor de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*. (SILBERT, 1962, p. 234).<sup>6</sup> Contudo, Silbert critica a utilização excessiva que Mauro faz da teoria econômica<sup>7</sup> para explicar os fenômenos históricos e lamenta a falta de uma contextualização ou de uma ligação mais forte com a política. Assim como Labrousse, discorda da interpretação de Mauro quanto

---

<sup>6</sup> A proximidade da tese com Fernand Braudel é explicitada no próprio prefácio: “toda a minha gratidão vai, em primeiro lugar, para o meu mestre Fernand Braudel, professor no Collège de France, que tomou a responsabilidade de me confiar este tema. Com a sua obra ‘Méditerranée’, ele tinha aberto um caminho. Esta obra fundamental esteve sempre presente no meu espírito, durante o período de investigação e de redação. Mas beneficiei também largamente da solicitude pessoal de seu autor. Sem ele, o meu trabalho teria sido irrealizável” (MAURO, 1989, p. 17).

<sup>7</sup> “De tão acostumado aos conceitos e métodos da ciência econômica (apreciamos, por exemplo, seu cuidado em determinar a partir de uma pesquisa contábil a taxa de lucros) ele visivelmente sofre por não poder utilizá-los como desejaria”. (SILBERT, 1962, p. 234)

à importância do açúcar brasileiro frente aos outros produtos do império português e bem como da conclusão de que a Economia portuguesa não sofreu uma crise econômica em inícios do século XVII, assim como o resto da Europa.

Por sua vez, Jean Delumeau (1961), outro aluno de Fernand Braudel que preparava uma tese que viria a se chamar *Vie économique et sociale de Rome dans la seconde moitié du XVe siècle*, também resenhou o trabalho de Mauro para a *The Economic History Review*. Ao contrário de Silbert, contudo, considera que a importância do açúcar e seu papel para a robustez da economia portuguesa frente à crise europeia são as conclusões mais importantes da tese de doutorado.

Robert Besnier (1963), historiador do direito e do pensamento econômico, professor na Faculdade de Direito de Paris, por onde passaram Ernest Labrousse e o próprio Mauro, apresenta o livro na *Revue Économique*. A importância e o peso do açúcar para a economia portuguesa são vistos como aspectos positivos. Isso permite a Besnier discutir as características do sistema econômico estudado por Mauro: “o movimento de baixa, tão claro na Europa no século XVII dificilmente se deixa ver no Império português. O capitalismo comercial, fundado sobre a exploração colonial, é mais mercantilista que liberal, e acentua as tendências oligopolistas” (BESNIER, 1963, p. 967). Ou seja, considera que a correlação entre produção de açúcar e prosperidade portuguesa faz parte do próprio funcionamento do capitalismo comercial, chamando a atenção para o caráter mercantilista da expansão lusitana. Nesse sentido, a resenha pode ser entendida como uma resposta, ainda que indireta, à ausência de relações entre o econômico e o político assinaladas por Ernest Labrousse e Albert Silbert. Ao contrário, o próprio capitalismo comercial, cujo trabalho de Mauro pretende ser um estudo de caso, está cravejado dessa inter-relação entre política e economia.

Contudo, a principal resenha que *Portugal e o Atlântico* recebeu, foi de Pierre Chaunu. De fato, trata-se do artigo mais extenso que a obra recebeu. Além disso, não é demais lembrar que ambos escreveram seus trabalhos ao mesmo tempo, sob a direção de Fernand Braudel, tendo sido os principais depositários da “partilha do oceano” (VIDAL, 2011, p 319) que o mestre fez no final dos anos de 1940.

Interessante notar, desde o início, a maneira como Frédéric Mauro é apresentado. Para Chaunu, ele pode ser considerado “um de nossos melhores historiadores da economia” (CHAUNU, 1961, p. 1176).

Mauro é, antes de tudo, um historiador da economia: seu pensamento está voltado para as lições de uma ciência econômica em movimento – de uma ciência econômica do movimento, diríamos. Sua problemática é, no melhor sentido, uma problemática emprestada da economia política. É com os conceitos do economista que ele interroga os documentos [...] Raramente um historiador dos séculos XVI e XVII foi tão longe na análise das estruturas, na busca desta ligação profunda entre história e economia. Neste sentido, Frédéric mauro atingiu plenamente um dos votos mais elevados de Fernand Braudel e Ernest Labrousse. (Idem pp. 1177-1178).

Frédéric Mauro é colocado no limite entre a História e a Economia, próximo aos partidários de Adam Smith. No entanto, curiosamente, Chaunu aproxima a interpretação econômica de Mauro às pesquisas de Ernest Labrousse e Fernand Braudel, como para reiterar a inserção do autor na Escola dos *Annales*: “o Atlântico de Mauro sai, naturalmente, de *O Mediterrâneo*. Frédéric quis assim”. Tanto mais que “os novos estudos sobre espaços e relações marítimas” são a continuação do projeto “aceito por uma geração” da obra de Fernand Braudel (idem, p. 1178).

Sobre o conteúdo da tese, Chaunu sublinha a importância do Brasil, que era a fonte de riqueza não apenas do império português no Atlântico, mas também do Atlântico holandês.

Destaca, ainda, um ponto sobre o qual os críticos não atribuíram importância: as viagens e a navegação são a própria estrutura do comércio e, por isso, a conjuntura econômica pode ser captada a partir das rotas de comunicação. Esta observação se dirige à questão da conjuntura econômica portuguesa e sua relação com a Europa. Trata-se do mesmo problema que foi destacado pelos críticos franceses, mas Chaunu o observa a partir de uma nova dimensão. Ele encontra uma relação entre a duração das viagens e os efeitos que estas podem ter sobre os sistemas econômicos. A singularidade do movimento econômico português pode ser o resultado da duração consideravelmente mais curta das viagens no Atlântico português. Estas duravam em média um ano, de ida e volta. Em comparação, as viagens espanholas, duravam entre quatro a cinco anos, pois envolviam saída de Sevilha, chegada ao Caribe, nova ida até o golfo do México, até chegar à Cartagena, onde os navios eram carregados de metais preciosos e davam início à viagem de retorno. Segundo Chaunu, o ritmo das viagens imprime um ritmo diferente aos movimentos dos preços em Portugal e em Espanha (pp. 1185-1187).

Em que pese esta discussão mais especializada, Pierre Chaunu também interpreta a tese de Frédéric Mauro a partir das relações estabelecidas entre a economia portuguesa e a europeia. Além disso, aborda dois outros temas: a importância do açúcar e o descolamento da economia portuguesa face à europeia. Essa constatação não nos espanta, pois a história dos preços, a história dos produtos de abastecimento iniciado por Labrousse com seu estudo sobre o trigo, a discussão sobre os movimentos conjunturais da economia europeia eram os grandes temas do meio intelectual francês. A originalidade de Frédéric Mauro estaria justamente em demonstrar que Portugal teve um comportamento atípico no quadro da economia europeia do século XVII.

No geral, portanto, os historiadores franceses receberam com fortes ressalvas o trabalho de Frédéric Mauro, sobretudo aqueles mais próximos da Escola dos Annales. Aliás, ainda que com visões diversas sobre os resultados, a grande discussão se deu sobre o peso do açúcar e a conjuntura cíclica em Portugal e na Europa.

Contudo, se nos voltarmos para as resenhas publicadas fora da França, veremos que a recepção do trabalho de Frédéric Mauro foi diversa.

Encontramos cinco resenhas publicadas no Brasil, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Com a exceção de José Roberto do Amaral Lapa (1963) – que, diga-se de passagem, estava sob a influência direta da Escola dos *Annales* – nenhum autor discutiu a suposta peculiaridade da economia portuguesa na conjuntura de crise europeia no início do século XVII. Contudo, todos estão de acordo e destacam a importância do Brasil e do açúcar brasileiro para a economia portuguesa. Ou seja, não há contradição em um produto colonial estar no centro de um império marítimo, aliás, extremamente dependente de suas colônias como, era o caso de Portugal no século XVII.

Alan K. Manchester, autor do clássico *A preponderância inglesa no Brasil* (1933), apresenta o livro de Mauro para o *The Journal of Modern History*, em 1961. Primeiro ponto destacado, a exemplo de Besnier, é tratar-se de “um estudo de caso idial do capitalismo comercial” (MANCHESTER, 1961, p. 433). Destaca precisamente como a expansão de um mercado europeu de açúcar e o papel principal de Portugal levou a uma mudança de perspectivas no Império português, que sai do Oriente volta-se para o Atlântico. Outro ponto é a ampliação da competição entre os impérios ultramarinos – tema, aliás, das pesquisas de Manchester -, o que fez com que Portugal, unido à Espanha, fosse alvo de ataques e de guerras pelos holandeses. Assim, e ao contrário de Labrousse

e de Silbert, a conjuntura econômica e política aparecem juntas na leitura do historiador inglês.

O historiador de Illinois Charles Nowell, autor de *The great discoveries and the first colonial empire* (1954), apresenta o livro de Mauro na *The American historical review*. A terceira parte da tese lhe parece a mais importante, onde “há uma estimativa da moeda e seu valor (uma das mais valiosas contribuições do autor, pois é sempre difícil para os historiadores lidar com os sistemas monetários de outra época), os riscos oferecidos pelos piratas, o *status* dos tratados internacionais no período, as relações entre os Estados, as regulamentações nos portos tratando de navios e marinheiros estrangeiros”. (NOWELL, 1961, p. 732) Ou seja, para o autor, as questões econômicas aparecem inseridas dentro de um quadro maior de restrições políticas.

Charles R. Boxer, já um eminente historiador sobre o mundo português, que lançara, em 1957, *The Dutch in Brazil, 1624-1654*, faz uma breve resenha do livro de Mauro na *The English Historical Review*. Destaca, na segunda parte do trabalho, os dois capítulos sobre o açúcar, que ele considera “a rainha do comércio do Brasil nos anos em estudo” (BOXER, 1962, p. 153).<sup>8</sup> O papel do açúcar, entre todos os produtos do comércio português, faz com que Boxer chame atenção para a importância do Brasil: “o papel desempenhado pela economia brasileira como *économie motrice* de Império português no Atlântico é bem sublinhado, assim como o caráter peculiar do capitalismo comercial português” (idem, p. 154). Avaliação importante, pois coloca a centralidade econômica da colônia, que adquire certa autonomia frente às atividades agrícolas e manufatureiras do reino, destacando também a grande importância do comércio e do transporte dos produtos coloniais.

Quanto a isso, é importante mencionar que, ao contrário dos leitores franceses, para quem faltava dinâmica e articulação entre política e economia à obra, para Boxer essa dinâmica é a principal característica do livro. O historiador inglês não faz menção ao descompasso entre a crise europeia e a prosperidade prolongada de Portugal, sustentada pelo açúcar. Silêncio tanto mais importante, pois talvez indique como esse problema da conjuntura e dos ciclos econômicos fosse uma preocupação característica dos debates

---

<sup>8</sup> A denominação do açúcar como a rainha do Brasil pode ser uma referência ao livro *Frutas do Brasil*, publicado em 1702 pelo franciscano Antonio do Rosário e onde ele estabelece uma alegoria mística das riquezas naturais e materiais do Brasil através de seus frutos. Nesta obra, o abacaxi seria o rei de todas as frutas e o açúcar, a rainha. Ver: (DO ROSÁRIO, 2002).

historiográficos franceses. Um indício sobre esse ponto é justamente o parágrafo final do texto, no qual Boxer, que certamente conhecia a obra de Braudel, publicada há 12 anos e – mesmo desconsiderando as próprias indicações de Mauro em seu prefácio, associa o livro resenhado, não ao *Mediterrâneo*, mas o considera como “merecedor de um lugar ao longo do massivo *Sevilha e o Atlântico* de P. e H. Chaunu” (idem, ibidem). Assim, talvez mais importante do que a conclusão geral da obra, a comparação entre as duas teses sobre o Atlântico indique precisamente o quanto os discípulos se afastaram do estudo global de Fernand Braudel para priorizarem predominantemente as relações econômicas.

Por fim, mas não menos importante, destacamos a resenha do historiador brasileiro José Roberto do Amaral Lapa na *Revista de História* da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Apresenta o livro como um estudo sobre a “expansão colonial portuguesa, identificada no seu capitalismo comercial” (LAPA, 1963, p. 271). Trata-se de “um ambicioso esforço de compreensão histórico-econômico, que não invalidou as implicações de natureza geográfica e sociológica, além da abordagem que o autor chama de teorias econômicas do passado” (idem, ibidem). O historiador brasileiro também identifica a forte relação entre economia e política ou, em suas palavras, “os planos de comércio ordenados pela política” nos quais, segundo ele, “a posição estatal perante a economia colonial, na sua orientação, flutua muitas vezes entre o protecionismo e o simples intervencionismo” (idem, ibidem). Destaca, também, a familiaridade que os portugueses adquiriram com as rotas atlânticas, e, também, a “excepcional importância” do Brasil, como ponto de contato e comércio, embora lamenta que o autor não tenha discutido “o sincronismo das viagens do Brasil com a Carreira da Índia”, para explorar o comércio “intercolonial”. De resto, aponta também a comparação que Mauro faz entre os impérios português e espanhol, e a conclusão geral, segundo a qual “a economia portuguesa logrou uma solidez grande, através do Atlântico, no século XVII, em meio à estagnação de grande parte da Europa meridional” (idem, ibidem).

Esta resenha, a única que encontramos sobre a recepção da obra nos países efetivamente estudados por Mauro, mostra as conexões de Frédéric Mauro com o Brasil e com a Universidade de São Paulo, já apontada por outros autores. Amaral Lapa, por sua vez, repercutiu elementos apontados pelos resenhistas franceses, a saber, o descolamento da economia portuguesa do resto da Europa no século XVII. Mas, ao contrário, identificou a imbricação entre economia e política no capitalismo comercial português.



Dessa forma, podemos identificar uma recepção mais favorável à obra de Frédéric Mauro no estrangeiro, e uma série de ressalvas e críticas de Fernand Braudel, Ernest Labrousse e o círculo de influência que eles alcançam no meio intelectual francês. Isso nos mostra certas disposições interpretativas que, de um lado, assinalam as diferenças entre a tese de Mauro e o livro de Braudel e, de outro lado, uma recepção no estrangeiro que aceita o trabalho sobre o Atlântico português na medida em que permite compreender e clarificar o conhecimento e a interpretação do Império português no século XVII. Neste caso, o exame do papel do açúcar e a colônia portuguesa na América são colocados em evidência como a grande contribuição de Frédéric Mauro.

Para finalizar esta seção, contudo, mesmo que não encontremos um julgamento mais amplo de Fernand Braudel sobre a obra de Frédéric Mauro, nós podemos, ao retomar a arguta afirmação de Charles Boxer que próxima este último de Pierre Chaunu, examinar a resenha que o próprio Braudel fez de *Seville et l'Atlantique* para os *Annales*, como uma forma de considerarmos alguns aspectos comuns entre as duas obras.<sup>9</sup>

Assim, vejamos como ele avalia a reivindicação de que seu *Mediterrâneo* foi a fonte de inspiração para o trabalho de Chaunu:

Eu não creio, a despeito das correspondências evidentes e das filiações que Pierre Chaunu se apraz a reconhecer com sua habitual e imensa gentileza, eu não creio que o Atlântico sevilhano que ele nos apresenta seja uma retomada ou um prolongamento de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*, livro surgido dez anos mais cedo que o seu, em 1949. Primeiramente, este Atlântico não é captado em sua integralidade, mas em um certo espaço arbitrário, das Antilhas à embocadura de Guadalquivir, fato que o autor diz e rediz à saciedade: ele nos adverte que irá tratar, para retomar algumas de suas fórmulas: “o Atlântico mediano”, “o primeiro Atlântico fechado dos ibéricos”, “o Atlântico exclusivo de Sevilha”.

Outra diferença fundamental que igualmente vê Pierre Chaunu e que salta aos olhos: aquela que opõe o mais velho espaço marítimo jamais domado pelo homem – o Mediterrâneo -, todo um passado, um espaço então (no século XVI) no fim de sua grandeza... e um espaço (o Atlântico) de passado emprestado e apressadamente construído. (BRAUDEL, 1963, pp. 542-543).

---

<sup>9</sup> Não podemos desdenhar a importância desta resenha. Ela ocupa doze páginas dos *Annales* e foi escolhida por Braudel para compor sua importante coletânea de textos teórico-metodológicos intitulada *Écrits sur l'Histoire*. Neste livro, o texto aparece na seção “A história e as outras ciências do Homem”, talvez para ilustrar a ressalva de Fernand Braudel quanto ao diálogo estabelecido com a economia.

Há uma diferença, portanto, de abordagem do tempo e do espaço entre os dois livros. Ora, o tempo e o espaço são categorias fundamentais da obra de Braudel. Na tese de Pierre Chaunu, o espaço é demasiado estreito: uma rota, uma ligação, mas não um oceano. Por outro lado, o Atlântico sevilhano (e certamente também o português) não possui história. Ela começa a ser feita e o homem intervém pouco nela. Ele se bate com os ventos, os ciclones, com a construção naval. Não é uma luta contra o espaço geográfico, como no Mediterrâneo, mas, sobretudo uma maneira de evitar obstáculos.

Outro ponto de divergência entre os dois é a noção de conjuntura e de estrutura:

Pierre Chaunu, também ele, deixou-se seduzir pela eficácia dialética do tempo longo e do tempo breve. Mas seu propósito, contudo, não é o meu: eu busquei em *O Mediterrâneo*, expor, bem ou mal, imaginar uma história global, indo das imobilidades aos movimentos mais vivos da vida dos homens. Pierre Chaunu não tem nem esta pretensão, nem este desejo. Em sua obra, a descrição das imobilidades maiores (sua primeira parte), depois o recitativo conjuntural (a segunda parte) visam unicamente reconstituir uma certa realidade econômica, recortada de uma história global que ela atravessa, mas que a transborda por todas as partes (idem, p. 543).

Portanto, outro ponto central da crítica de Braudel e justamente a ausência de sedimentação e de ligadura entre os tempos históricos. O livro de Pierre Chaunu transita entre a conjuntura e a imobilidade oceânica que, contudo, é pouco penetrada pelo homem. Em seu livro, portanto, a conjuntura é a temporalidade central, em detrimento das outras. Neste sentido, a aproximação com a tese de Frédéric Mauro é válida, pois, embora seu trabalho abarque todo o século XVII, sua análise é feita a partir de ciclos de conjuntura decenais, ou no máximo de meio século. É justamente essa periodização que Braudel classificou de “recitativo da conjuntura”, em detrimento de sua própria concepção tripartite do tempo histórico.

Assim, podemos perceber que, a despeito da maioria dos autores contemporâneos alinharem Mauro na Escola dos *Annales*, é possível perceber certo incômodo por parte de seus principais representantes. Contudo, embora nosso percurso até o momento tenha ilustrado esse distanciamento, seria preciso compreendê-lo e explicá-lo.

As reservas que o trabalho de Mauro recebeu do círculo braudeliano talvez possam ser explicadas se tomarmos a sério a assertiva de Pierre Chaunu segundo o qual Frédéric Mauro é um historiador *da* economia. Ou seja, um historiador inspirado pelos conceitos

da teoria econômica e que pretendeu interpretar o passado segundo esses conceitos. É com esta hipótese que passamos, em seguida, para compreender a concepção de Frédéric Mauro sobre a história econômica.

### **Frédéric Mauro: da História econômica à Ciência Econômica do Passado**

Sobre este tema, é importante retomarmos as considerações de Martinière (1973), Vayssière (2002) e Vidal (2013) que destacam Frédéric Mauro como um representante da escola dos *Annales*. De fato, é precisamente isso que podemos encontrar em seus primeiros trabalhos.

Sua estreia no campo da metodologia se dá na *Revista de História* da Universidade de São Paulo, em 1954, com o artigo “O historiador francês face às ciências sociais”, cujo próprio título já nos indica seu compromisso com as questões da corrente historiográfica francesa. Abordando a relação entre a História e as ciências sociais, Frédéric Mauro destaca o interesse dos historiadores por essas novas disciplinas, um interesse cada vez maior, acompanhado de uma influência recíproca ao ponto que “é possível considerar a História como uma ciência social entre outras”. A única diferença entre elas é cronológica: “a História estuda o passado e as ciências sociais, o presente” (MAURO, 1954, p. 229). Segundo Mauro, o historiador deve utilizar os métodos e os conceitos das ciências sociais; ele deve ser, à medida que se distancia do presente, economista, geógrafo, sociólogo. De outro lado, os cientistas sociais devem se nutrir do passado. De fato, continua, o grande progresso que as ciências sociais fizeram na primeira metade do século XX está ligada à importância atribuída à história.

Este primeiro artigo de Frédéric Mauro, portanto, mostra a importância do diálogo entre as disciplinas. Contudo, atentemos para sua afirmação de que a História é uma ciência social entre outras, cuja diferença reside apenas no período estudado: a primeira se ocupa do passado, as últimas, do presente.

No ano seguinte, outro artigo, também publicado no Brasil, mas desta vez na *Revista da Faculdade de Ciências Econômicas de Porto Alegre*, intitulado “Science économique et Science historique” reflete sobre a relação entre as disciplinas, mas já com algumas nuances em relação ao anterior. Não se trata das ciências sociais, mas tão somente da Economia, e a história aparece em segundo lugar no título, ambas com o

qualificativo de ciência. O artigo traça um panorama da evolução das duas disciplinas. Segundo Mauro, a economia tem início no século XVIII e é sobretudo uma ciência abstrata. Somente a partir de Keynes e da crise de 1929 que esta característica começa a mudar. O economista inglês teria sido o responsável pela introdução, com a macroeconomia, da importância do espaço, do território, da contabilidade nacional e, sobretudo, da incorporação da variável tempo. Com isso, a Ciência Econômica passa a se ocupar do tempo concreto, de uma “sucessão de desequilíbrios que formam a própria trama da economia” (MAURO, 1955, p. 85).

No mesmo momento, também a história passou por transformações: “esta renovação da História foi feita na França pela revista dos *Annales*, na qual trabalharam Marc Bloch e Lucien Febvre e agora sua direção está a cargo de Fernand Braudel, que tanto fez para o desenvolvimento da ciência histórica no Brasil” (idem, p. 86). A história mudou seus objetivos para se tornar uma história total, uma história global das sociedades. Mauro acrescenta, retomando a ideia do texto anterior, “ela [a História] é a ‘ciência social’ do passado, como as ciências sociais são a história do presente” (idem, *ibidem*). Ela modificou, também, seus métodos ao abandonar os acontecimentos e a história política para estudar a economia, a geografia, a sociedade, a cultura. Como resultado, suas explicações também transformaram. Trata-se, agora, não mais de “pesar a parte do fator econômico e a do fator político, mas de precisar o papel qualitativo dos diferentes fatores ainda que a concepção geral que tenhamos da causalidade social seja biológica, dialética, mecanicista ou psicológica” (idem, p. 87).

É neste conjunto de transformações que Frédéric Mauro apresenta sua definição de História Econômica: “ela deve ser a teoria, a sociologia e a geografia dos sistemas econômicos do passado – em suma, a ciência econômica do passado, como a ciência econômica – teoria, sociologia e geografia – é o conhecimento do presente. Ela deve fazer um esforço teórico, na medida em que ela é a ‘economia política’ do passado”. (idem, *ibidem*).

Aqui, portanto, temos uma primeira definição de história econômica, segundo Mauro. Podemos ver que a principal diferença entre elas, a princípio, é que primeira estuda o passado, e a segunda, o presente – como, aliás, já indicado, em nível mais geral, no artigo da *Revista de História*. Para ambas as disciplinas, os métodos e os conceitos podem ser os mesmos e a única ressalva que nos impediria de considerar que a história

econômica é uma aplicação dos conceitos econômicos ao passado é a preocupação que ele toma em indicar que a aquela é a “economia política”, e não a ciência econômica do passado.

Ora, esses dois textos marcam a proximidade de Frédéric Mauro com Fernand Braudel e a escola dos *Annales*, no período de redação de sua tese de doutorado e de seu ensino na Universidade de Toulouse. Contudo, nos parece extremamente importante o fato de terem sido publicados em revistas brasileiras, país sob influência da historiografia dos *Annales*, mas fora do círculo francês de publicações da escola, ou melhor, fora do ambiente que criticaria o economicismo de sua tese de doutorado.<sup>10</sup>

Passemos, agora, aos artigos publicados após a defesa de seu trabalho, em 1956. Examinemos, primeiro, o texto “Teoria econômica e história econômica”, publicado em 1958 nos *Cahiers de l’Institut de Science Économique Appliquée*.<sup>11</sup> Aqui, nos parece que Frédéric Mauro deixa de lado a preocupação com o contato mais direto entre História e ciências sociais e se concentra na relação entre Teoria Econômica e História Econômica, observando essa questão a partir dos problemas impostos pelo estudo da História Moderna e, mais particularmente, de seu próprio estudo sobre Portugal e o Atlântico.

A problemática de Mauro é a possibilidade de construção de um modelo de funcionamento do capitalismo comercial na Época Moderna, utilizando os conceitos da teoria econômica contemporânea.

Ele coloca a questão da construção de um modelo, ou melhor, o problema da utilização da teoria econômica no passado. Em sua concepção, o historiador “está sempre colocado frente a um dilema: ou ele explica o passado em termos do presente e, com isso, trai o passado; ou ele explica-o nos termos do passado e, então, fica incompreensível aos homens do presente” (MAURO [1958] 1972, p. 3)

Ora, é preciso considerar que a compreensão de um sistema econômico ou, mesmo, de uma época, depende de um conjunto de conceitos: conjunturas, estruturas,

---

<sup>10</sup> Destaquemos, a título de exemplo, que até 1956, Mauro já havia publicado treze artigos em periódicos, alguns na própria revista dos *Annales*, versando sobre a economia das ilhas do atlântico, mas nenhum sobre aspectos metodológicos. Ver a relação de suas publicações em MARTINIÈRE (1996)

<sup>11</sup> Trata-se de uma revista ligada, evidentemente, ao ISEA, instituto criado em 1946 e que reúne economistas responsáveis pela elaboração das estatísticas nacionais. François Perroux, Jean Marczewski, e outros estão entre seus funcionários. François Perroux, lembremos, recusou o convite de Fernand Braudel e Charles Morazé para dirigir o Centro de Estudos Econômicos da VI Seção da École Pratique des Hautes Études, pois ele não era favorável ao projeto de federalização das ciências sociais sob a égide da História como havia proposto Fernand Braudel. Ver, sobre isso, (GEMELLI, 1995).

sistemas, ritmos, permanências – que não se encontram jamais em estado puro, mas sempre interligados na temporalidade. Ou seja, é difícil estabelecer uma distinção entre dois sistemas econômicos, por exemplo, entre a economia medieval e o capitalismo comercial. Para fazer frente a essas dificuldades, ele se propõe a examinar um caso de história total, de uma história capaz de compreender uma totalidade, a saber, o *capitalismo comercial na Europa em seus diversos aspectos*: uma sociologia, uma geografia, uma etnologia, uma demografia econômica (idem, p. 12-13).

Neste modelo, ele parte do princípio de que, mesmo que a Europa Moderna ainda possua traços do mundo medieval, “a economia é a mola dessa civilização, a causa de sua estrutura e de sua evolução” (idem, p. 12). Dessa forma, não é possível, como pretendia Labrousse, afirmar que a reprodução e o abastecimento são as atividades mais importantes desta sociedade. O comércio e a circulação, estes sim são os grandes movimentos responsáveis pela dinâmica do mundo moderno. A partir desta afirmação, Mauro constrói um modelo em três níveis, elaborados, notemos, segundo os conceitos da teoria econômica contemporânea. Ele apresenta uma macroeconomia estática, que estuda as “condições gerais de funcionamento em equilíbrio do sistema econômico como um todo”; uma microeconomia, ou seja, o estudo da “célula tipo ou das células tipo e os ramos de produção” e, finalmente, uma macroeconomia dinâmica preocupada com “as modificações e as flutuações que levam pouco a pouco à renovação ou à destruição do sistema” (idem, pp. 15). Esses três conceitos são o mote para discutir os cuidados e as precauções necessárias para não conferir uma lógica essencialmente contemporânea ao mundo da Época Moderna. Mas, ao mesmo tempo, ele propõe, também, na segunda parte de seu artigo, comparar as características do capitalismo comercial da Europa com aquelas dos países subdesenvolvidos no mundo contemporâneo. Em suas palavras, “vejamos se o aparelho conceitual do subdesenvolvimento pode se aplicar a este capitalismo comercial” (idem, p. 12) Para ele, a comparação é possível, pois “os dois sistemas se assemelham: sob os pontos de vista geográfico e econômico” (idem, p. 21); pela importância quantitativa da atividade agrícola; e pelo fato de que o “o circuito monetário é relativamente restrito” (idem, p. 22). Desta comparação, Frédéric extrai também diferenças, chamando a atenção aos aspectos presentes no capitalismo comercial que não fazem parte das economias subdesenvolvidas.

Contudo, o que é importante destacar é o fato de que, seja na construção do modelo de capitalismo comercial, seja na comparação com as economias subdesenvolvidas, seu artigo faz um esforço considerável para colocar o conhecimento histórico ao serviço da teoria econômica. Sua grande preocupação é discutir em que medida o passado pode ser explicado pelos conceitos da teoria econômica contemporânea. Sua conclusão não deixa dúvidas:

Se a história econômica é determinada pela ciência econômica e se esta muda a partir da necessidade dos especialistas, a história econômica será eternamente reconstruída, repensada, recriada. Mas, neste movimento, ela não faz mais que seguir o destino comum de toda ciência histórica. Nesta, como em todas as ciências humanas, nada há de definitivo (idem, p. 28)

Aqui, ainda que reconheça as mudanças na história econômica, é a ciência econômica que as determina. Além disso, mesmo se os historiadores e os economistas sejam cautelosos em tratar a Europa Moderna como uma região análoga aos países subdesenvolvidos, Frédéric Mauro opta por utilizar os conceitos da teoria econômica, ao retomar os problemas levantados pelas teorias do subdesenvolvimento em seu livro *O Século XVI na Europa: aspectos econômicos*, publicado em 1966 na coleção Nouvelle Clio. De fato, a própria divisão deste livro obedece aos princípios da teoria econômica contemporânea, com suas três grandes partes: “Oferta, Demanda e O jogo da oferta e da demanda” (MAURO, 1966).

A questão da construção de modelos reaparece no artigo “Por um ‘modelo intercontinental’: a expansão europeia no ultramar entre 1500 e 1800”, publicado em 1961 na *The Economic Historical Review*. Nele, podemos ler: “já está longe o tempo em que a história era somente a ciência do excepcional. Para além dos eventos, da conjuntura, ela se esforça hoje em dia para identificar as estruturas, os conjuntos estruturais, as civilizações”. Para ele, “a reconstituição desses mecanismos permite a construção de modelos cada vez mais precisos com o progresso da pesquisa, em particular da pesquisa estatística e também com o progresso da ciência econômica com o contato com a história” (MAURO, [1961] 1972, p. 49). Aqui, portanto, reencontramos a ideia de que o progresso da ciência econômica exige que a História lhe forneça uma resposta teórica, qual seja, a construção dos modelos do passado. É a esta demanda, demanda da Economia, ressaltemos, que Frédéric Mauro deseja responder.

Para tanto, ele elabora um modelo intercontinental da expansão marítima europeia entre 1500 e 1800. Neste, a Europa e os outros continentes podem ser considerados como blocos “de onde entram e por onde saem certo número de produtos em quantidades determinadas (idem, p. 51). Não se trata, portanto, de uma história nacional, mas de uma história de grandes conjuntos – global, diríamos hoje. Ele constrói um modelo, separando grandes unidades continentais: América Temperada, América Tropical, Europa, Ásia e África; os principais artigos comercializados: bens primários das zonas temperadas, bens primários das zonas tropicais, inclusive escravos, os bens secundários, os bens terciários, incluindo homens brancos. Em seguida, traça em grandes linhas, a exemplo de um modelo de fluxo de econômico, as trocas entre as regiões, os tipos de produtos e o resultado em termos de déficits e superávits.

Contudo, sem prolongar demasiadamente a explicação, o principal aqui é a própria decisão de esboçar a construção de um modelo comercial em linguagem extremamente abstrata, sem considerações de ordem política, de dominação, de monopólios ou de pressões, de guerras e de tratados comerciais. Neste caso, a necessidade imposta pela Teoria Econômica para a História foi respondida pelo historiador com a incorporação da própria linguagem da teoria econômica. Nesta tentativa, vemos que sua concepção de história econômica se delinea cada vez mais, se aproximando da teoria econômica, aceitando e incorporando os métodos desta e aplicando-os ao estudo do passado.

Concepção, todavia, desenvolvida em outro artigo, intitulado “História, Ciência do Abstrato”, publicado na Revista da Faculdade de Letras de Lisboa em 1962 e republicado no *Anuario de historia economica* em Madri, em 1968. O título é um confronto explícito com um dos pais fundadores da escola dos *Annales*, Marc Bloch, que considerava a história como uma “ciência do concreto”, “de carne e osso”, mostrando o paradoxo entre a ciência e a concretude irreduzível da vida social.

Segundo Frédéric Mauro, “toda ciência é a um só tempo concreta e abstrata. Ela vai do concreto ao abstrato, e vice-versa” (MAURO, [1962], 1972, p. 29). Em seu domínio, o historiador “tenta dar conta do passado em termos compreensivos aos homens do presente. Para isso, construindo as ciências sociais do passado ele se serve das ciências sociais do presente. Ele faz a teoria do passado como estas fazem a teoria do presente” (idem, p. 31). Aqui, portanto, reencontramos a expressão “ciência social do passado”, não



mais definida, como no texto de 1954, mas citada como se seu uso e sentido fossem já de uso consensual.

Uma vez que a história não é nem ciência do concreto, nem do abstrato, mas simplesmente, ciência, ela necessita construir uma teoria. Assim:

*Para o historiador economista [vejamos que ele retoma a expressão com a qual Pierre Chanu o definiu] a tarefa essencial deve ser a teoria econômica retrospectiva ou a teoria econômica do passado. As outras disciplinas econômicas, geografia, antropologia, sociologia, demografia, psicologia econômica do passado, não são mais que instrumentos permitindo melhor captar e esclarecer esta teoria (idem, p. 32).*

Ora, ma vez que a História está ao serviço das ciências sociais, ela também deve, como estas, erigir teorias. Como fazê-lo? Eis o objetivo deste artigo. Segundo Frédéric Mauro, não se trata, como pretendia Earl J. Hamilton, de “aplicar brutalmente ao passado a teoria econômica em seu estado atual” (Idem, *ibidem*). Também não é apropriada a solução de Labrousse, segundo a qual “cada sistema econômico tem suas próprias leis” e sua concepção de que “os mecanismos econômicos são diferentes para cada sistema” (idem, p. 34).

Frédéric Mauro discute outra visão a respeito da construção de uma teoria econômica do passado, que ele encontra nas obras de Milton Friedman e de Oskar Lange. Os dois economistas, o primeiro, representante da Escola de Chicago, o outro, um dos grandes teóricos do planejamento socialista, possuem um ponto em comum: para ambos, “existem mecanismos fundamentais que são onipresentes, quaisquer que sejam as estruturas” (idem, p. 35). A economia é uma ciência que estuda as relações entre certas variáveis como, por exemplo, a escassez e a maximização do excedente, além disso, “as leis econômicas possuem um caráter objetivo” (idem, p. 36). Ainda que os dois autores não tenham aplicado suas concepções ao estudo do passado, segundo Mauro, eles abriram “a porta para uma economia história generalizada”. A história econômica atual [1962] está orientada pela atitude de “buscar uma ciência econômica sempre geral, generalizada em relação à História. Além dos acontecimentos, das instituições, das estruturas, ela busca alcançar as *naturezas* econômicas, ou melhor, a *natureza* econômica [grifo de Mauro]” (idem, p. 37). No presente, o historiador deve “experimentar, ao contato com o passado, o caráter verdadeiramente fundamental, universal destes mecanismos [...] A utilidade do

historiador é mostrar em que um mecanismo específico ainda não é completamente geral ou, se quisermos ir mais longe, garantir a generalidade deste mecanismo” (idem, *ibidem*).

Ao final,

“a história econômica aparece como a ciência econômica retrospectiva de nossos economistas, se servindo dela e se erigindo sobre ela. Em consequência o primeiro objetivo da história econômica é de ser útil aos economistas e a história econômica deve aparecer como uma disciplina senão diretamente, ao menos indiretamente operacional” (idem, p. 38).

Este texto, de 1962, mostra o resultado da concepção de história econômica, ou melhor, de sua concepção de economia retrospectiva. Aqui, a política, o social – sem mencionar os eventos – desaparecem do vocabulário de Frédéric Mauro. Para ele, o capitalismo comercial é um sistema fundado sobre o comércio de longa distância, de produtos de luxo e de consumo, de comércio de escravos e de exploração e circulação de metais preciosos. Não se trata da economia do Antigo Regime de Labrousse. É uma economia cada vez mais tocada pela racionalidade econômica. Fenômeno que está na origem do interesse de Frédéric Mauro pela contabilidade e pelos livros-razão, pelo comércio e as mercadorias da economia atlântica. Nesse sentido, ele se colocava ao serviço dos economistas, da ciência econômica, e a História, de ciência dos homens, do concreto, da totalidade, como gostaria Bloch, Febvre e Braudel, se torna um laboratório de testes para a teoria econômica.

Notemos, ainda, que os artigos que vimos de analisar foram publicados em revistas estrangeiras, enquanto os periódicos franceses foram escolhidos para apresentar suas próprias pesquisas empíricas e as inúmeras resenhas que escrevia para divulgar os trabalhos sobre Portugal, o Brasil e a América Latina a seus conterrâneos. Essa opção seria o resultado de uma escolha consciente de divulgar sua concepção sobre história econômica no exterior, enquanto ela seria aceita e partilhada em seu próprio país? Ou ela revelaria, ao contrário, a percepção de que, cada vez mais, Frédéric Mauro se afastava da concepção da história econômica e social que se difundia entre os historiadores dos *Annales*?

Uma das maneiras tentar responder a isso, ainda que de modo preliminar, seria discutir como, por exemplo, Fernand Braudel, com quem sua tese foi comparada, concebia o diálogo entre a história e a teoria econômica, ou melhor, qual seria sua

concepção sobre a história econômica, ou sobre o diálogo da História com as ciências sociais nos anos 1950.

Ora, é possível dizer que desde o final dos anos 40, as energias de Fernand Braudel estavam depositadas justamente na reconfiguração do diálogo entre as disciplinas, em um contexto de avanço das ciências sociais, face aos problemas colocados pelo final da Segunda Guerra Mundial e a reconstrução europeia. Essa questão, ademais, mesclava-se com o desafio de erigir e consolidar a VI seção da *École Pratique des Hautes Études* (EPHE). (DOSSE, 2003; GEMELLI, 1995; MAZON, 1988). Neste momento, portanto, estava em jogo a continuidade e a institucionalização do projeto original da escola dos *Annales* e a manutenção da História enquanto disciplina da totalidade, única capaz de fazer a síntese das novas disciplinas e explicar o conjunto da vida social.

Sem pretensão de ser exaustivo, sobretudo em tema já bastante desenvolvido pela bibliografia (BURKE, 1992; BURGUIÈRE, 2006; GEMELLI, 1995; COUTEAU-BÉGARIE, 1989), vejamos como exemplo o artigo “Por uma história econômica”, publicado no primeiro número da *Revue d’Économie*, em 1950. Notemos que, assim como Mauro em algumas de suas publicações, aqui Braudel se dirige aos economistas. Contudo, o convite ao diálogo é consideravelmente diverso. Para ele, a questão que se coloca é qual a contribuição que os economistas podem dar aos problemas históricos? Uma verdadeira revolução copernicana, pois os dois polos em debate mudam de chave e agora é a economia que deve oferecer elementos para compreender o passado. Para Braudel, a economia deve estar aberta à longa duração dos historiadores, ela deve ajudar os historiadores a pensar essas estruturas temporais largas. Aqui, portanto, o desejo de Braudel é justamente romper o tempo conjuntural, o movimento ondulante das curvas que se estendem por cinco, dez, ou cinquenta anos – o “recitativo do conjuntural”, ao qual se referiu na resenha sobre Pierre Chaunu –, para responder à longa duração da história dos homens, esta história geográfica, social, econômica e política que ele esboçou em seu *Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*, no qual a economia foi uma ciência social entre outras, mobilizada em sua explicação.

Por outro lado, continua, a história trata não somente de continuidades, para as quais as teorias do equilíbrio dos economistas são relativamente apropriadas, mas ela aborda também as rupturas. E Braudel se pergunta: “e justamente, sobre estas

descontinuidades estruturais, mesmo a título de hipóteses, os economistas não tem nada a dizer? A *nos* dizer?” (BRAUDEL, [1950] 1984, p. 132).

Portanto, ao contrário de Frédéric Mauro, é a partir das questões particulares da História, da nova história que Braudel pratica, que a Economia deve ser interrogada. O mesmo movimento se encontra em seu artigo seminal “A história e as Ciências Sociais: A longa duração”, publicado em 1958 nos *Annales*. Aqui, a diferença entre a história e as ciências sociais não é que a primeira estuda o passado, e as outras, o presente. Ao contrário, a temporalidade, atributo exclusivo da História, é um elemento que vivifica as ciências sociais. É a temporalidade, ou melhor, é a longa duração que se opõe claramente à concepção de história econômica praticada por Frédéric Mauro e Pierre Chaunu:

A nova história econômica e social coloca em primeiro plano da sua investigação a oscilação cíclica e ela reflete sobre sua duração: ele é tomada por uma miragem e também pela realidade das elevações e quedas dos preços. Existe também, hoje, ao lado da narração (ou do recitativo tradicional) um recitativo da conjuntura que se debruça sobre o passado a partir de grandes parcelas: cerca de dez, vinte ou cinquenta anos.

Mais além desse segundo recitativo se situa uma história de fôlego mais forte ainda, de amplitude secular neste caso: a história da longa, e mesmo da longuíssima duração (BRAUDEL, [1958] 1984, p. 44-45)

Estas considerações de Fernand Braudel mostram como ele estava preocupado em evitar uma capitulação da história frente aos métodos das ciências sociais, e como isso poderia resultar na perda do papel da História frente a estas.

### **Considerações finais**

Não queremos dizer, com tudo isso, que Fernand Braudel criticava seus próprios orientandos e as teses que ele próprio dirigiu. Contudo, para ele, a defesa da História frente ao avanço das ciências sociais era crucial. Resta saber se a confluência de uma abordagem cada vez mais próxima da Economia da parte de Frédéric Mauro, no mesmo momento em que Braudel reexamina as possibilidades de diálogo com as ciências sociais tenham tido um peso decisivo na crescente independência de Frédéric Mauro em relação ao seu mestre. Contudo, se voltarmos às reticências de seus conterrâneos franceses, e mesmo às discussões em torno de sua tese de doutorado, na ocasião de sua defesa,

podemos ver que um viés mais econômico, apontado naquela ocasião foi acentuando-se cada vez mais. Isso, também, pode explicar porque os autores que a partir da década de 1980 dedicaram-se escrever a história dos *Annales*, selecionaram —segundo critérios e formas de avaliação que podem ser questionadas, mas que também são fruto das tradições intelectuais das quais fazem parte — os membros dessa escola, atribuindo um papel marginal à Frédéric Mauro. Podemos levantar diversas razões para isso e acreditamos que, enquanto os historiadores dos *Annales* foram cada vez mais se restringindo ao estudo do Hexágono, a própria seleção de temas ligados à América Latina pode ter tido peso nessa marginalização. Basta compararmos sua trajetória com a de Pierre Chaunu, que abandona definitivamente o estudo do mundo hispano-americano ainda nos anos de 1970, dedicando à temas como demografia, história da religião, mentalidades, porém na maior parte dos casos centrados agora no território francês. Para concluir, cito um documento inédito que se encontra no acervo de Frédéric Mauro na Biblioteca de La Rochelle. Intitulado “Quelques souvenirs de Fernand Braudel”, ele não traz data ou a ocasião em que foi lido ou publicado.

Frequentemente tive a impressão de compartilhar o mesmo interesses às mesmas coisas que Braudel. Eu acreditava quem sabe em uma história mais científica ou mais técnica que aquela que ele concebia e eu jamais tive um amor imoderado pela história social. Mas, sobre as grandes linhas de seu método, acredito ter sido um de seus mais ardentes defensores. Os que não compartilhavam meu ponto de vista o admitiam, talvez porque eu não representasse inteiramente a mesma família intelectual a espiritual de Braudel e isso os impelia a se abrir a ele. Ademais, a própria abertura de espírito de Braudel fez com que os *Annales ESC* não tenha aparecido sob a bandeira de uma “história de esquerda” ou “de direita”, mas que os problemas que os problemas que elas colocavam fossem muito além desta dicotomia ideológico-política, por forte que ela fosse na França. Em suma, os *Annales* acabaram ganhando a partida.

Menos que lamentar certo distanciamento frente à escola dos *Annales*, Frédéric Mauro ressalta aqui, ao contrário, sua própria independência intelectual.

## **Bibliografia**

ALDEN, Dauril. Review of : Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe Siecle (1570-1670): Etude Economique. By Frederic Mauro (1tcole pratique des Hautes Etudes, VIe Section,

Centre de Recherches Historiques, "Ports, Routes, Traffics," X) Paris: S. E. V. P. E. N., 1,6o. Pp. Iviii, 550. *The Journal of Economic History*, Vol. 22, No. 2 (Jun., 1962), pp. 280-282.

BALHANA, Altiva Pilatti. Frédéric Mauro e os cursos de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. In: MARTINIERE, Guy (org) *Le Portugal et l'Europe atlantique, le Brésil et l'Amérique latine: mélanges offerts à Frédéric Mauro*. Lisboa; Paris: Fundação Calouste Gulbenkian: Diff. J. Touzot, 1995., pp. 47-54.

BESNIER, Robert. Note bibliographique de MAURO (FREDERIC) - Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe siècle, 1570-1670. - Paris, S.E.V.P.E.N., 1960. (<< Ports, routes, trafics >. Ecole Pratique de Hautes Etudes, VIe section.). *Revue économique*, Vol. 14, No. 6 (Nov., 1963), pp. 967-968.

BOXER, Charles R. Short notice of : Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe siècle, 1700-1670. Etude économique (Paris : S.E.V.P.E.N., 1960). *The English Historical Review*, Vol. 77, No. 302 (Jan., 1962), pp. 153-154.

BRAUDEL, Fernand. "Pour une histoire sérielle: Séville et l'Atlantique (1504-1650)." *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. Vol. 18. No. 3. Paris, Armand Colin, 1963, pp. 541-553.

BRODER, Albert. *La trayectoria de Frédéric Mauro. História econômica & história de empresas*. V.1, 2002, pp. 165-169.

BURGUIERE, André. *L'École des Annales: Une histoire intellectuelle*. Paris, Odile Jacob, 2006.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales: 1929-1989*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

CHAUNU, Pierre. Brésil et Atlantique au XVIIe siècle [Charles Ralph Boxer, *The Dutch in Brazil. 1624-1654* ; Frédéric Mauro, *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe siècle (1570-1670)*. Etude économique]. *Annales. Economies, sociétés, civilisations*. 16<sup>e</sup> année, N. 6, 1961. pp. 1176-1207

COUTAU-BÉGARIE, Hervé. *Le Phénomène Nouvelle Histoire : Grandeur et décadence de l'École des Annales*. Paris, Economica, 1989.

DELUMEAU, Jean. Review of FREDERIC MAURO. *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe siècle (1570-1670)*. (Paris: S.E.V.P.E.N. Ecole Pratique des Hautes Etudes, VIe Section, Collection 'Ports-Routes-Trafics', no. 10. 1960. Pp. Iviii + 550.). *The Economic History Review*, New Series, Vol. 14, No. 2 (1961), pp. 358-359.

DO ROSÁRIO, António. *Frutas do Brasil numa nova, e ascetica Monarchia, consagrada à Santissima Senhora do Rosario [1702]*. (Edição Fac-similar). Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal, 2002.

DOSSE, François. *A história em migalhas. Dos Annales à Nova História*. São Paulo, Bauru: Edusc, 2003.

GEMELLI, Guiliana. *Fernand Braudel*. Paris : Editions Odile Jacobs, 1995.

LAPA, José Roberto do Amaral. Resenha de: MAURO (Frédéric). — Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe. siècle, 1570-1670 (Étude économique) . École Pratique des Hautes. Études, Paris, 1960, 550 págs. *Revista de História*. v. 26 n. 53 (1963), pp. 271-272.

MANCHESTER, Alan K. Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe Siècle (1570-1670) by Frédéric Mauro. *The Journal of Modern History*, Vol. 33, No. 4 (Dec., 1961), pp. 433-434.

MARTINIÈRE, GUY. *Contribution à l'étude de l'économie rétrospective du Brésil : essai d'historiographie*. (Thèse de 3<sup>ième</sup> cycle). Paris, Université Paris Nanterre, 1973.

———. (org) *Le Portugal et l'Europe atlantique, le Brésil et l'Amérique latine: mélanges offerts à Frédéric Mauro*. Lisboa; Paris: Fundação Calouste Gulbenkian: Diff. J. Touzot, 1995.

MARTINIÈRE, Guy. Frédéric Mauro, historien. In: MARTINIÈRE, Guy (org) *Le Portugal et l'Europe atlantique, le Brésil et l'Amérique latine: mélanges offerts à Frédéric Mauro*. Lisboa; Paris: Fundação Calouste Gulbenkian: Diff. J. Touzot, 1995, pp. 3-5.

MAURO, Frédéric. O historiador em face das ciências sociais. *Revista de História*, 17, São Paulo, 1954, 229-232.

———. Science économique et science historique. *Revista da Faculdade de ciências econômicas*, ano II, n. 2. Porto Alegre, 1955, pp. 83-88.

———. *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIième Siècle. Etude économique*. Paris, SEVPEN, 1960.

———. Théorie économique et histoire économique [1958]. MAURO, Frédéric. *Des produits et des hommes*. Vol. 34. Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, 1972, pp. 3-29.

———. Pour un 'modèle intercontinental': l'expansion européenne outre-mer entre 1500-1800. [1961] In : MAURO, Frédéric. *Des produits et des hommes*. Essais historiques latino-américains, XVIe –XXe siècles.

———. L'histoire, science de l'abstrait [1962]. In : Mauro, Frédéric. *Des produits et des hommes*. Vol. 34. Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, 1972, pp. 29-41.

———. LE XVIIe siècle européen : aspects économiques. Paris, Presses Universitaires de France (Collection Nouvelle Clio, n. 32), 1966.

———. *Des produits et des hommes*. Vol. 34. Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, 1972.

———. Portugal, o Brasil e o Atlântico (1570-1670). Tradução de Manuela Barreto. Lisboa, Editorial Estampa, 2. Vols, 1989.

———. Quelques Souvenirs de Fernand Braudel. (Artigo datilografado sem data) Fonds Frédéric Mauro. Bibliothèque Interuniversitaire de La Rochelle. Cote : 1 MAU 71.

MAZON, Brigitte. Aux origines de l'École des hautes études en sciences sociales : le rôle du mécénat américain : 1920-1960. Paris, Cerf, 1988.

NOWELL, Charles E. Review of : Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe Siècle (1570-1670): Étude Économique by Frédéric Mauro. *The American Historical Review*, Vol. 66, No. 3 (Apr., 1961), pp. 731-732.

RECTORAT DE PARIS. Faculté de Lettres de Paris. Acte de soutenance de thèse de Frédéric Mauro. Archives Nationales. AJ/16/7108

SILBERT, Albert. Compte-rendu de Frédéric Mauro. Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe siècle : 1570-1670; étude économique. Paris, S. E. V. P. E. N., 1960 ; lxii et 550 pages. *Revue Historique*, T. 227, Fasc. 1 (1962), pp. 234-236.

VAYSSIÈRE, Paul. Frédéric Mauro, historien des Annales. *Caravelle*, n°78, 2002. pp. 293-304.

———. Caravelle: entre Lettres et Sciences Humaines. In: *Caravelle*, n. 100, 2013, 151-169.

VIDAL, Laurent. Frédéric Mauro, historien du Brésil. MARTINIÈRE, GUY, MONTEIRO, Éric. *Les échanges culturels internationaux. France, Brésil, Canada-Québec*. Paris : Les Indes Savantes, 2013, pp. 319-329.

VIDAL, Laurent. L'itinéraire d'un historien de l'Amérique Latine. Entretien avec Frédéric Mauro. *Cahiers des Amériques Latines*, 1998. N. 28/29, pp. 101-108.

WESTPHALEN, Cecília Maria. Frédéric Mauro e a história quantitativa do Brasil. In: MARTINIÈRE, Guy (org) *Le Portugal et l'Europe atlantique, le Brésil et l'Amérique latine: mélanges offerts à Frédéric Mauro*. Lisboa; Paris: Fundação Calouste Gulbenkian: Diff. J. Touzot, 1995, pp. 55-61.